

## AS ATUALIZAÇÕES ODISSEICAS DE JEAN GIRAUDOUX EM *ELPÉNOR* (1926) OU SOBRE QUANDO A GUERRA NÃO PRODUZ HERÓIS\*

Lorena Lopes da Costa\*\*

**Resumo:** O presente artigo tem como objeto a obra *Elpénor* (1926), do francês Jean Giraudoux. Marcada pela experiência da Grande Guerra (1914-1918), da qual o escritor participou, a obra é uma espécie de releitura da *Odisseia*, em que o herói Odisseu é substituído pelo guerreiro medíocre que lhe dá nome: Elpenor, nem demasiado corajoso na guerra, nem muito seguro de entendimento. Busca-se apreender de que modo a atualização do herói e de suas histórias está em diálogo com a guerra vivida pelo autor, para propor de que forma as velhas histórias, ao serem renovadas, participam de um processo que lhes permite elaborar os desafios do presente, comunicando o presente, através de um código já conhecido.

**Palavras-chave:** *Odisseia*; guerra; herói; Elpenor; Jean Giraudoux.

### FALSIFYING THE ODYSSEY IN *ELPÉNOR* (1926) BY JEAN GIRAUDOUX OR WHEN WAR DOESN'T MAKE HEROES

**Abstract:** This paper takes up as its object *Elpénor* (1926), by Jean Giraudoux. Marked by the experience of the Great War (1914-1918), in which the writer takes part, the work is a kind of retelling of the *Odyssey*, where the hero Odysseus is replaced by the mediocre warrior who gives it his name: Elpenor, neither too brave in war nor too smart according to Homer. We try to explore how this updating of the hero and his stories are in dialogue with the war experienced by the author. To achieve this aim we analyze how the old stories renewed participate in a process that allows them to develop the current challenges communicating them through a code already known.

**Keywords:** *Odyssey*; war; hero; Elpenor; Jean Giraudoux.

---

\* Recebido em 21/01/2018 e aprovado em 26/02/2018.

\*\* Professora de Teoria da História na Universidade Federal do Oeste do Pará. Doutora em História pela UFMG e pós-doutoranda em História pela Unifesp.

## **A guerra de Giraudoux e seu herói:<sup>1</sup> o combatente *menos valente no combate, menos sábio no conselho*<sup>2</sup>**

Com a Grande Guerra, o autor e diplomata francês Jean Giraudoux (1882-1944) é convocado, no dia 3 de agosto de 1914, como sargento para o 298º Regimento da Infantaria de Roanne, ao qual já servira em 1902, antes de entrar no curso de Letras da École Normale Supérieure. Giraudoux participa da Campanha da Alsácia, da primeira Batalha do Marne (5 a 12 de setembro de 1914) e da Batalha de Dardanelos (25 de abril de 1915 a 9 de janeiro de 1916). Numa de suas primeiras cartas durante a guerra (carta a Suzanne Boland, em 9 de agosto de 1914), ele registra sua função e as impressões iniciais sobre a sede de sangue de seus soldados:

*Eu tenho sob minha responsabilidade uns cinquenta bons homens, ansiosos para matar um general e tomar uma bandeira. Tudo o que lhes ensinaram na escola sobre patriotismo manifesta-se neles sob essa forma infantil. [...] Partida: terça-feira de manhã, sem dúvida rumo a Mirecourt (Vosges). Que alegria eu teria em voltar para a Alsácia ou para Lorraine. (GIRAUDOUX, 2003, p. 60)<sup>3</sup>*

Mal tem início o combate, a morte torna-se o conteúdo por excelência nas cadernetas dos combatentes. Em seu jornal de guerra de 1914, poucos dias depois da deflagração do conflito, Giraudoux, em campanha na região da Alsácia, descreve o caminho em direção a Altkirch, no dia 22 de agosto:

*Bela estrada, onde as cerejeiras foram cortadas rentes ao solo pelos alemães, e tudo o que resta de árvores são suas raízes e suas idades. [...] Assentados sobre as cerejeiras, nós olhamos pelos campos, um pouco para evitar a poeira, e muito para não virar as costas a três sepulturas de soldados franceses, mortos há dez dias e cujos nomes nós anotamos em nossas cadernetas. (GIRAUDOUX, 1946, p. 37)<sup>4</sup>*

Poucos dias depois da Batalha do Marne, com a derrota e a consequente retirada das tropas alemãs, Giraudoux é ferido no confronto que ocorre em Aisne. Seu ferimento faz com que precise ser hospitalizado em Fougères e sua convalescência se prolonga por Bordeaux, Pau e Vichy, de onde é reenviado, em dezembro, a Roanne, sede de sua unidade militar. Em carta a Lilita Abreu, de 18 de outubro de 1914, o combatente comemora a sorte: um bloco de notas e uma carteira haviam impedido os projéteis de atingirem

seu fígado. Giraudoux, que vê a morte de frente em Marne, é ferido pela segunda vez em Dardanelos, no Helesponto, em 1915, onde é condecorado e nomeado cavaleiro da Legião de Honra. Na Campanha de Dardanelos, no entanto, nos registros que faz em sua caderneta de couro verde, o autor parece enxergar com mais clareza a proximidade da morte, bem como sua banalização, antes mesmo do confronto, como diz em nova carta a Suzanne Boland, de 21 de junho de 1915:

*Minha pequena adorada Suzanne, são oito horas da noite e amanhã às seis horas é o ataque. Minha companhia marcha na linha de frente. Eu espero muito rever-te, querida amiga, mas os turcos podem ser terríveis.* (GIRAUDOUX, 2003, p. 187)

Giraudoux estava certo em seu temor: segundo a carta que escreve ao amigo Jean-Louis Vaudoyer, todos os oficiais que participam da batalha são mortos, com exceção dele, que, não obstante, é gravemente ferido. Para ser repatriado, vai precisar enfrentar um suplício, palavra que ele mesmo escolhe para descrever o retorno: oito dias num navio-hospital até Toulon, de onde seguiu para o Hospital Oficial em Mont-des-Oiseaux. Sua recuperação, dessa vez, dá-se em Hyères, de onde redige a carta ao amigo. Daí em diante, ele não voltaria ao *front*, passando a sofrer internações frequentes.

Vencedor, francês, Giraudoux, ao fim da guerra, não vê senão em si mesmo seu grande inimigo. Como registra em **Adieu à la guerre** [“Adeus à guerra”], ele não odiou nem búlgaros, nem turcos, nem alemães, nem sérvios, mas, como seus companheiros, teve de matá-los. Jean Giraudoux conhece a vitória francesa: “Eu sou um vencedor, no domingo ao meio-dia” (GIRAUDOUX, 1920, p. 237), mas a vitória está tão esvaziada de sentido, para ele, quanto a guerra que fizera. Em 1919, mesmo ano em que escreve **Adieu à la guerre**, Giraudoux escreve “Les morts d’ Elpénor”. Em 1926, ao lado de outras três histórias, ela completaria o corpo de **Elpénor**, determinando-o. Assim, em 1919, Giraudoux não apenas se despede da guerra, mostrando quão transformadora havia sido sua experiência – como quando escreve: “De mim, apesar de mim, todos os heróis tristes e vencidos, nossos irmãos e irmãs de ontem, se distanciam um pouco, se distanciam: Andrômaca, e sua queixa eterna, Pandora e sua esperança eterna [...]; nosso pai comum está morto” (GIRAUDOUX, 1920, p. 236)–, como também escolhe para personagem um daqueles que “se desviam um pouco” dos heróis de outrora e não se destacam por nenhuma qualidade.

**Elpénor**, de Giraudoux, consiste na reunião de quatro textos escritos ao longo de 18 anos, tendo sido o primeiro deles “Cyclope” [“Ciclope”], em 1908; o segundo, “Sirènes” [“Sereias”], em 1912; o terceiro, já citado, “Les morts d’ Elpénor” [“As mortes de Elpenor”], em 1919; e o último, em 1926, “Les nouvelles morts d’ Elpénor” [“As novas mortes de Elpenor”], mesmo ano em que o conjunto é publicado na forma de um livro. Quando “Cyclope” e “Sirènes”, publicados com títulos ligeiramente modificados, quais sejam “Le Cyclope” [“O Ciclope”] e “Ulysse et les sirènes” [“Odiseu e as sereias”], saem respectivamente em 1908, no *Le Matin*, e em 1912, no *Paris-Journal*, nenhum deles faz menção a Elpenor. Elpenor, personagem marginal na **Odisseia**, só irá aparecer associado à obra de Giraudoux em 1919, com **Morts d’ Elpénor**, publicado então pela Editora Émile-Paul, que, no mesmo ano, prepara também o primeiro e o segundo textos, reescritos e reintitulados. Apenas em 1926, a última parte, “Les nouvelles morts d’ Elpénor” irá a público pela *Revista de Paris*, sendo, em seguida, ainda em 1926, agregada às outras novamente pela Émile-Paul (TADIÉ, 1990).<sup>5</sup> É com o desenvolvimento das duas últimas histórias, portanto, que Elpenor, figura apagada na epopeia homérica e ausente dos dois primeiros textos de Giraudoux, rouba a cena e, a partir daí, os dois já publicados separados e anteriormente serão modificados de modo a fazerem referência àquela que seria, aí sim, a personagem principal do conjunto.

Determinante, o texto de 1919, “Les morts d’ Elpénor”, revela não apenas a escolha do autor por seu herói, Elpenor, como a necessidade de torná-lo evidente enquanto escolha. O que o texto (ou os textos, os quatro) de Giraudoux faz é apontar para um primeiro material, o de Homero, que, daí em diante, vai ser transposto. O autor imita e parodia esse material, explorando ao máximo a comicidade, no sentido de reinventá-la onde ela já existe, como num processo de “metazombaria”, e de inventá-la onde ela inexistente. A transposição é absolutamente cômica, mas a brincadeira engendra uma reflexão política sobre a guerra, que, segundo Jean-Yves Tadié (1990, p. 1509), destrói a **Odisseia**, para reconstruí-la.

Perspicaz e também inquieto com relação à ficção e seu poder criador, Giraudoux, curiosamente, escolhe como epígrafe da obra os versos de Homero, que, dentre todos os existentes, são aqueles que, justamente, não existem. A referência mentirosa quer, contudo, ter ares de verdade, e Giraudoux não apenas cita os versos, como indica precisamente sua referência na **Odisseia**. Isto é, Giraudoux escolhe como epígrafe de sua obra versos falsos da epopeia.

*Foi então que morreu o marinheiro Elpenor. Única oportunidade de dizer seu nome, porque ele nunca se distinguiu nem por seu valor, nem por sua prudência. Homero. Odisseia, 'Canto X'. (GIRAUDOUX, 1938, Epígrafe, s/p)*

O autor altera conscientemente a passagem. É verdade que a primeira menção à figura de Elpenor de fato acontece no Canto X da **Odisseia** e que sua descrição não diverge da descrição presente na epígrafe de Giraudoux.

*Havia um muito jovem, Elpenor, que não era demasiado corajoso na guerra nem muito seguro de entendimento; longe dos companheiros no palácio sagrado de Circe, procurando o fresco da noite, se deitara, pesado de vinho. Ouvindo a agitação e o barulho dos companheiros a movimentarem-se, levantou-se de repente: esqueceu-se em seu espírito de descer pelo longo escadote, caindo de cabeça do telhado; das vértebras se lhe partiu o pescoço e para o Hades desceu a alma.*

(HOMERO. **Od.** X, 552-560).

Na **Odisseia**, Elpenor é aquele “que não era demasiado corajoso na guerra” [οὔτε τι λίην ἄλκιμος ἐν πολέμῳ] “nem muito seguro de entendimento” [οὔτε φρεσὶν ἦσιν ἀρηρώς] (**Od.** X, vv. 552-553). O uso do participio perfeito do ἀραρίσκω no segundo verso da apresentação da personagem (Ἐλπίνωρ δὲ τις ἔσκε νεώτατος, οὔτε τι λίην/ ἄλκιμος ἐν πολέμῳ οὔτε φρε σὶν ἦσιν ἀρηρώς) sugere, aliás, a falta de inteligência como espécie de condição fixa de Elpenor, e o que se segue à apresentação é exatamente aquilo que se poderia esperar para uma personagem como esta: Elpenor bebe muito, fica pesado de vinho, adormece, e, tendo acordado assustado, sem dar conta do ocorrido, despenca do alto do palácio de Circe encontrando a morte. Elpenor é tão marginal para Odisseu e seus companheiros de guerra que sua ausência só é notada quando sua alma aparece no Hades (PERADOTTO, 2002, p. 5). A partida da ilha de Circe, nesse sentido, transcorre sem que nem Odisseu nem seus companheiros sintam falta de Elpenor, tão grande é sua mediocridade.

Se, em Homero, Elpenor é o companheiro de Odisseu que não se destaca nem na guerra, nem na inteligência, Giraudoux o confirma; seu Elpenor é aquele que não se distingue “nem por seu valor, nem por sua prudência” (GIRAUDOUX, 1938, Epígrafe, s/p). Assim, ainda que Giraudoux inven-

te, de certa forma, a epígrafe que dá a sua obra, mantém as características odisseicas de Elpenor. Mesmo sem ser totalmente fiel à referência, o autor quis explicitar as características que já aparecem na fonte, bem como mostrar a consequência que extrai delas: porque sem valor e sem prudência, Elpenor tem apenas no evento de sua morte, que confirma a ausência de seu valor e de sua prudência, a oportunidade de ser mencionado.

Conforme um manuscrito conservado do texto de Giraudoux, a epígrafe inicial, provavelmente escrita a partir de 1919, é ligeiramente distinta da que vai a público em 1926 pela Editora Émile-Paul. Na versão do manuscrito, consta: “É então que tomba do mastro o marinheiro Elpenor/ Que nunca se distinguiu nem por sua coragem nem por sua sensibilidade’ (**Odisseia**)” (BARRÈRE, 1978, p. 287). Essa citação, embora também não seja idêntica ao trecho de referência da **Odisseia**, é, apesar disso, mais próxima desta, uma vez que não conclui do evento o mesmo que a epígrafe publicada em 1926: “única oportunidade de dizer seu nome”. Vale repetir que nenhuma das duas epígrafes é uma tradução exata da passagem correspondente ao Canto X, que foi, pela primeira vez, considerada como uma interpolação por Victor Bérard (1864-1931) em 1924 – da mesma forma que foram considerados como interpolação os versos que parcialmente se repetem no Canto XI (vv. 50-89), em referência a Elpenor.<sup>6</sup> Nesse sentido, Elpenor seria a personagem marginal acrescentada posteriormente à **Odisseia**, e não esquecida, embora ausente do conjunto da tradição, exatamente porque deplorável. Com efeito, para além das três breves passagens na **Odisseia** (X, XI e XII), que narram sua morte, seu reencontro com Odisseu no submundo do Hades e a realização de seus ritos fúnebres, não há referência alguma a Elpenor na tradição épica. A **Ilíada** não o conhece e seu nome não aparece em nenhum dos resumos do Ciclo Épico. Elpenor, por isso, pode ser entendido como um ilustre desconhecido que não teria dado motivos para ser lembrado pela tradição. Ou, ainda, como sugere sua epígrafe inventada, Elpenor pode ser entendido como um ilustre desconhecido que, de forma semelhante a Tersites, conquista fama através dos poucos versos que, em seu caso, o incidente deplorável e risível de sua morte gera.

Assim sendo, em 1919, Giraudoux decide-se não por recontar as aventuras de Odisseu através de um Odisseu recriado à sua maneira, mas escolhe, no lugar do herói homérico, uma personagem apagada, um companheiro de Odisseu que morre de forma canhestra, ao despencar do palácio de Circe e que nem ao menos os ritos fúnebres recebe, reivindicando-os, por isso, como

alma penada. Elpenor é estúpido, marginal na epopeia, uma personagem que participa dela sem quase participar; que ganha a guerra com Odisseu sem se destacar. Para Jacqueline de Romilly (1983, p. 193), escolher como vedete o homem de todos o mais modesto da **Odisseia** e a visão mais corriqueira da aventura humana apenas coroam a ideia mesma que anima a obra.

### **A terceira e a quarta histórias de *Elpénor*: o herói de Giraudoux se torna protagonista**

No terceiro texto de **Elpénor**, publicado apenas após o fim da Primeira Guerra e sob o efeito dela, diferentemente do que ocorre nos primeiros contos do conjunto, um de 1908 e outro de 1912 (não escritos sob o efeito da guerra, mas reescritos sob tal efeito; o primeiro sobre Polifemo, o ciclope, e o segundo sobre as Sereias), Elpenor não é, em “Morts d’ Elpénor”, uma personagem acrescentada depois de já pronta a história. No terceiro texto (e também no quarto), a história é a de Elpenor. Nessa terceira história, Giraudoux escolhe finalmente Elpenor para ocupar o lugar de Odisseu. De um figurante, então, o autor francês fez uma personagem e, também, um símbolo (TADIÉ, 1990, p. 1511). Uma personagem pouco sedutora, vacilante, que causa desgosto, que revela o reverso do caráter do Odisseu homérico. Como dizem todos os companheiros do Odisseu de Giraudoux: “Ele é a fonte de todos os nossos males” (GIRAUDOUX, 1938, p. 80). O autor está interessado, finalmente, em olhar para os não heróis, os que não são protagonistas, os que não se destacam.

Em “Morts d’ Elpenor”, Odisseu e seus companheiros são hóspedes de Circe e estão se preparando para descer ao Hades, onde Tirésias poderá ser consultado. Elpenor sofre uma queda e morre, mas isso não é novidade. Na **Odisseia**, ao chegar ao Hades, Odisseu vê Elpenor e emociona-se (τὸν μὲν ἐγὼ δάκρυσα ἰδὼν ἐλέησά τε θυμῷ – **Od.** XI, v. 55), perguntando à sombra de seu companheiro como ela havia chegado à escuridão e obtendo dele a seguinte resposta:

*‘Filho de Laertes, criado por Zeus, Odisseu de mil ardis!  
Perdeu-me a desgraça vinda dos deuses – e o vinho desmedido.  
Tendo me deitado no palácio de Circe, esqueci-me  
em meu espírito de descer pelo longo escadote,  
caindo de cabeça do telhado; das vértebras  
se partiu o meu pescoço e para o Hades, desceu a alma.  
(HOMERO. **Od.** XI, vv. 60-65)*

A passagem é parte das histórias que Laertiade conta aos feácios e é a única da **Odisseia** em que Elpenor ganha voz. Antes dela, Odisseu narra como ele e seus remadores partiram do palácio de Circe (**Od.** X, vv. 552-560). A fala de Elpenor é o espelho da história que Odisseu mesmo contara anteriormente aos feácios (**Od.** X, 554-60) e confirma a versão de Odisseu, ainda que com algumas variações. Elpenor não explica o porquê de sua queda, qual seja o barulho feito pelos companheiros que se preparavam para a partida, segundo Odisseu (**Od.** X, vv. 556-7), e justifica sua estupidez não apenas com a ingestão desmedida do vinho [ὄθέρσφατος οἶνος] (**Od.** XI, v. 60), como Odisseu também havia feito [κατελέξατο οἶνοβαρείων] (**Od.**, X, 555), mas também com a má sorte enviada pelos deuses [δαίμονος] (**Od.** XI, v. 60), o que reforça, obviamente a comicidade da passagem e o traço patético da personagem: bêbada, desgraçada pelos deuses, morta numa queda sem motivo aparente, cujo corpo é deixado para trás, sem ser chorado e sepultado.

No conto de Giraudoux, como na **Odisseia**, Elpenor tanto adormece pesado de álcool quanto despenca fatalmente do palácio de Circe, mas, no conto francês, sua morte é anunciada assim que acontece: “- Elpenor se matou, ó, Odisseu! Escutando a largada dos navios, ele se jogou do telhado!”(GIRAUDOUX, 1938, p. 89), diz Parimedes ainda em Eeia. A tripulação de Odisseu decide, portanto, partir para o Hades, abandonando deliberadamente o corpo do remador (que tem, nesse evento, apenas a primeira de suas mortes). No Hades, como ocorre na **Odisseia**, a sombra de Elpenor vai encontrar-se com Odisseu. Giraudoux retoma o célebre diálogo, reforçando a divertida estupidez do remador: “- [...] Ó, Odisseu, sou eu, Elpenor! Sem vela e sem remo, eu ultrapassei seu navio. Impaciente por seguir você, eu me joguei do telhado, mas é certo que eu contava chegar aqui em segundo, não em primeiro!” (GIRAUDOUX, 1938, p. 94). Em meio às sombras, o Elpenor moderno repete o pedido feito pelo Elpenor odisseico a Odisseu. Mas seu pedido é tão exagerado (“Eu quero meu funeral solene” – GIRAUDOUX, 1938, p. 94) quanto é exagerada a má vontade do Laertiade para realizá-lo (“Eu te prometo, diz ele em tom de lamento, mas desapareça. Vá!” – p. 94).

Elpenor, a personagem que não mereceu da **Odisseia** mais do que três alusões, não obstante, receberá os ritos que qualquer guerreiro aqueu deve receber. Elpenor será chorado e sepultado como mandam os costumes, ainda que tenha sido aquele a fazer com que Odisseu seguisse sofrendo baixas

mesmo numa situação pacífica e orientada (já que Elpenor morre quando Odisseu acaba de ser aconselhado por Circe sobre a melhor maneira de prosseguir em seu retorno). Elpenor, na **Odisseia**, é, enfim, aquele que, por mais insignificante e porque insignificante, demonstra tanto a existência dos combatentes insignificantes quanto a necessidade do cumprimento dos ritos fúnebres mesmo para esses combatentes.

Como ele, o capitão de Giraudoux, capitão André, em 9 de setembro de 1914, seguro de que morreria, questiona os combatentes que o rodeiam a fim de receber deles a segurança de que seria chorado e sepultado. Embora sem ousar falar de si, sem coragem para enfrentar em primeira pessoa a possibilidade da morte, o combatente fala como se estivesse inquieto em relação a outro capitão, o capitão Flamond, morto dois dias antes: “- Onde está a arma de Flamond? Sua carteira? Onde ela foi enterrada?”. Giraudoux e seus companheiros, como Odisseu no Hades respondendo a Elpenor, dizem: “a espada, a cruz, os papéis foram para Roanne, selados, e nós juramos enterrá-lo, Flamond, num caixão” (GIRAUDOUX, 1946, p. 167). Eles, obviamente, respondiam ao capitão André mentindo, a fim de aplacar seu medo de ser abandonado, como Elpenor, sem ser chorado nem sepultado.

No conto francês, como na **Odisseia**, tendo cumprido a missão que o levava ao Hades, Odisseu retorna com seus companheiros à ilha de Eeia, e lá, como fora prometido à sombra de Elpenor – e como acontece na **Odisseia**, mas não pode acontecer para a grande maioria dos mortos da Grande Guerra –, seu corpo receberá os ritos devidos, embora desmedidos. Se, no Hades, Elpenor percebe-se tão desfigurado quanto todos os heróis mortos, na ilha de Circe ele será chorado como o maior dos heróis, pois Odisseu, ao pronunciar a oração fúnebre diante do corpo preparado, é tomado pela emoção (ou, mais provavelmente, pelo prazer da mentira), mergulhando seu elogio num mar de exageros:

*- Quem foi Elpenor, ó, Zeus? Odisseu continuou. Pergunte, na verdade, o que ele não foi. Ele foi um coração terno num coração de aço, uma alma eleita num envelope sem igual; o trocadilho com dificuldade era contido em seu palácio como na boca de um papagaio a língua grossa, e o que dizer ainda de sua mente engenhosa? Foi ele, artesão, quem inventou o carrinho de mão, mudando-o por um cavalete à roda para transportar, ele também inventou a cama, única morada comum de deuses e homens. Foi ele, banqueiro, que*

*no dia da sétima coleta de ouro concebeu a ideia de aceitar metade do pagamento em cupons da Trácia. Foi ele, poeta, o autor de dois versos famosos [...].* (GIRAUDOUX, 1938, p. 101)

A mentira alimenta-se de si mesma. E o esforço é tão grande para enaltecer a memória do medíocre Elpenor que Zeus, ouvindo a oração, acaba por se comover, a ponto de fazer Elpenor viver outra vez. A primeira morte de Elpenor, assim, não será suficiente para matá-lo. A **Odisseia** o mata uma vez, enquanto Giraudoux saberá matá-lo muitas vezes. O Elpenor francês, o pior herói, de todos o mais detestável, ainda viverá novas e sofríveis histórias. Depois de ter morrido ao cair do palácio, Elpenor também morrerá afogado. E no quarto e último conto, Elpenor ainda morrerá torturado. O herói de Giraudoux, assim, personifica a banalização da morte. Ele incorpora os medíocres que morrem, não por feitos gloriosos, mas por acasos de má sorte, e que serão substituídos por outros medíocres, fadados a morrer também.

Para Suzanne Saïd (2003, p. 389), sobretudo com a publicação da terceira história em 1919, “Les morts d’ Elpénor”, em que a personagem morre mais de uma vez, Giraudoux deixa claro que a Grande Guerra, com seus milhões de cadáveres, havia passado pelo texto, forçando a evolução da personagem de Elpenor no conjunto do texto. De fato, entre 1914 e 1918 cerca de novecentos franceses foram mortos por dia e, embora o número seja uma cifra, o cálculo médio nada tem de abstrato para os que sobreviveram à guerra.<sup>7</sup> A quantidade de mortes é enormemente superior a qualquer batalha anterior e ela, a morte, passa a ter formas inéditas, resultantes das novas tecnologias (AUDOIN-ROUZEAU; BECKER, 2000, p. 42 e 57).

Na última história de **Elpenor**, a quarta, “Nouvelles Morts d’ Elpénor”, Giraudoux é ainda mais infiel à **Odisseia**. O enredo é mais atrelado à epopeia do que nos outros contos, mas, por isso mesmo, é também ainda mais capaz de corrompê-lo. Trata-se da chegada de Odisseu à ilha dos feácios. Em **Elpénor**, a deusa visita a Esquéria, mas seu diálogo é com Alcínoo, o rei, quem avisa os habitantes da ilha, como os odisseicos, exímios remadores e de pouco contato com outros povos, sobre a chegada do herói.

No entanto, quem chega à ilha, totalmente desconhecido e mil vezes menos glorioso que Odisseu, é Elpenor, nem demasiado corajoso na guerra, nem muito seguro de entendimento. E ao chegar à vila, os feácios de Giraudoux, sem a desconfiança dos feácios odisseicos, recebem-no como se recebessem o herói de Ítaca. Alcínoo prepara-o, vestindo-o com mantas

ornamentadas, mas, “perto do soberano, o desconhecido parecia um anão” (GIRAUDOUX, 1938, p. 141). Nenhum dos feácios duvidava de que o nobre náufrago em breve retomaria magicamente a aparência de um belo herói. Contudo, sem a mágica acontecer, é com a aparência que sempre possuía, prejudicada pelo desgaste no mar (“pés muito grandes, um braço desproporcional e um braço atrofiado, um nariz achatado, um queixo amassado” – p. 132) que Elpenor tenta, sem querer, convencer a todos que a imagem do herói não era outra senão sua torpe imagem.

Giraudoux, insistindo em explorar a identidade de Elpenor, vai, pela primeira vez, permitir que sua personagem apresente-se honestamente. Na Esquéria, Elpenor, esse homem incompleto, essa fração de homem, é pela primeira vez escutado com atenção. Sua biografia é contada da pior forma possível, sua identidade é de assustar, pois, sem pudor, diante de um público pela primeira vez interessado em suas experiências, Elpenor resume sua vida em azar, tristezas, desventuras e sofrimentos. Elpenor conta aos feácios desde o seu nascimento até o seu retorno da guerra: ele é o anti-herói, que, durante dez anos, lutara ao lado de heróis. Ele conhece Ajax, Aquiles, Páris, Pátroclo e acredita ser conhecido por eles também. Mais do que isso, na verdade, Elpenor acredita-se alvo da inveja dos grandes heróis. Cada uma de suas deploráveis características, assim, é motivo para si de orgulho.

*-[...] eu vi Ajax e seu rival prontos a recomeçarem o confronto. Nascido de uma criminosa desconhecida em uma masmorra da Cócira, fui abandonado por ela na prisão e foi lá que passei meus primeiros anos, invejando Aquiles. Fui alugado aos mendigos livres, o primeiro me deixou manco para insuflar o riso dos outros, e arredondou meus joelhos tão admirados por Páris, o segundo, para insuflar a piedade, desarticulou-me o quadril, que Pátroclo queria barganhar por seu renome. [...] Apenas esses tumores sobre os lábios não são um feito de meus mestres, mas meu. Sem saber que o fogo avermelha o metal e vendo a luz púrpura em uma forja a ferro para ferradura pendurada em uma haste de cobre, eu tive a ideia de agarrá-la com os dentes... (GIRAUDOUX, 1938, p. 143-4)*

Nem ao menos num único dia, ao longo de toda a sua vida, ele havia comido carne fresca, nem ao menos num único dia, ao longo de toda a sua vida, ele havia comido azeitonas que não estivessem podres (GIRAUDOUX, 1938, p. 144). Ele não havia conquistado nada como butim de

guerra, e, não bastasse isso, partes de seu corpo, sua única posse, foram deixadas no percurso do retorno. Suas unhas, seus últimos fios de cabelo perderam-se na volta. Escalpelado, com as orelhas lavadas pelas tempestades, Elpenor era o alvo da ira gratuita dos deuses, que em nada lhe compensavam as perdas, pois ele não havia recebido em troca de seus dissabores nem sensatez, nem sabedoria (p. 145).

Da descrição odisseica de Elpenor [οὔτε τι λίην ἄλκιμος ἐν πολέμῳ οὔτε φρεσὶν ἦσιν ἀρηρώς] (**Od.** X, vv. 552-553), alimentada apenas pelo evento mesmo de sua morte e pela ausência de outros registros, Giraudoux conserva a receita, alimentando-a com muitos outros ingredientes e azedando-a por completo. A tragicidade e a comicidade da personagem são não apenas acentuadas pela reinvenção do enredo, como pela reação dos feácios, que, cumprindo seu dever, driblam a feiura do físico e dos malfeitos de Elpenor, insistindo em tomar-lhe como herói, vendo “através dos furos o tecido da epopeia” (GIRAUDOUX, 1938, p. 145). Para enganar a vergonha que sentem ao ouvir Elpenor, seus anfitriões entusiasmam-se com suas aventuras e reconhecem no horror a modéstia do herói, a ponto de agradecerem a Alcínoo sua chegada e de quererem finalmente ouvir da boca do estrangeiro sua identidade confessada (esperando que ele fosse confessar, obviamente, ser Odisseu). O povo feácio põe-se a fazer-lhe perguntas, como que tiradas de um manual da **Odisseia**: era Penélope morena; qual a madeira do cavalo de Troia? Mas Elpenor se perdia, buscava em sua memória informações a respeito, sem saber responder a nenhuma delas com precisão.

*Ele não tinha com a epopeia mais do que uma estreita, mas mediocre ligação. Ele era simplesmente uma amostra de todos os milhares de ignorantes e anônimos pouco curiosos que são a tela das eras ilustres. Ele não tocava senão na parte desprezada destes heróis e de seus feitos imensos. Ele conhecia Aquiles por haver limpado seu calcanhar num dia de lama, Ajax por ter na trirreme recebido dele uma escarrada em sua bandeja, Circe por ter ajudado Ecclissé a escovar sua meia-calça. No dia da queda de Troia, ele limpava o penico de Hécuba. No dia da ira de Aquiles, ele fazia a colheita das cebolas. No dia da morte de Páris, ele remendava a túnica de Tersites. Ele não conhecia o mundo e o submundo épico, a não ser por seu revés lamentável. Os grandes marcos na mitologia serviam-lhe apenas como lembretes para os eventos desprezíveis de sua*

*vida: na noite de Briseida, ele havia vencido aos dados ganhando duas dracmas de um tal Bérios; na noite de Andrômaca, ele havia bebido vinho das amazonas com um tal Trachopis. E Pirro, Calipso e Agamêmnon eram para ele somente o suporte de desconhecidos denominados Latacobos, Periperilaos ou Vagapolo. Mas ele não conseguia se decidir por não acreditar na epopeia, como um valete na existência de seu mestre. Ele esvaziava a fábula de seus ares.* (GIRAUDOUX, 1938, p. 151)

Elpenor é um dos anônimos da guerra de Troia. Ele não havia tido com a guerra mais do que uma ligação estreita e barata, como conta o narrador. Em meio aos desconhecidos do povo, que renomeiam o povo mesmo, “Latacobos, Periperilaos, Vagapolo”, Elpenor é mais um. Como os desconhecidos, ele fez a guerra sem ter motivo para fazê-la. Ele compôs, com todos os outros insignificantes, o cenário da multidão e não esteve presente, nem muito menos atuante, em nenhum dos grandes feitos. Elpenor, nos anos de guerra, havia sido insignificante a ponto de ser o encarregado de remendar a armadura de Tersites (ele era, portanto, pior do que Tersites!). Nos anos do retorno, ele também fora o pior. Ele nem havia visto, nem ouvido as Sereias, como conta o segundo episódio da obra de Giraudoux; havia ouvido e visto Polifemo, como conta o primeiro episódio; havia sentido, mas não havia tocado Circe, e havia morrido muitas vezes. Elpenor narrou suas experiências e respondeu às questões feácias da forma mais verdadeira, sem esconder-se na vergonha ou na desonra e, por isso mesmo, apesar do esforço feácio em embelezar sua biografia, conseguiu apresentar-se, por consequência, como a síntese da guerra sem glória e sem fama. Um exemplar de todos os milhares de ignorantes e de anônimos pouco curiosos que compõem o cenário das épocas mais ilustres e das guerras mais terríveis, o Elpenor de Giraudoux é aquele que recebe do herói e de suas façanhas apenas o quinhão do desprezo. Elpenor representa uma visão de povo indigesta, no meio do qual não há Odisseu para tornar a guerra mais bela e mais gloriosa. Para Yves-Tadié, Elpenor representa o povo, visto como uma massa indiferenciada, e sem a qual, no entanto, as epopeias não podem acontecer (TADIÉ, 1990, p. 1511). Seria preciso um número muito grande de Elpenores, enfim, para se fazer um só Odisseu. Também como a multidão dos anônimos, Elpenor é o combatente que, além de fazer a guerra sem glória, morre sem glória (pois, uma vez mais, nesse último conto, Elpenor

morre). Elpenor é como o canto que Apolo canta aos feácios de Giraudoux: um pobre animal, pertencente a um rebanho, mas sem dignidade alguma (GIRAUDOUX, 1938, p. 169-170).

Na ilha, Elpenor ganha também a ira de Apolo e das Musas, que decidem torturá-lo até a morte. Clio, a musa da história, perfura-lhe os dedos, sob as unhas. Melpomene, a musa do canto e da tragédia, atravessa seus joelhos com agulhas, enquanto Erato, musa da lírica, corta seus dedos do pé com uma lâmina. Terpsícore, da dança, pinça, um a um, os raros fios de cabelo que lhe haviam sobrado sobre o crânio depois de todas as aventuras pelos mares. Polímnia, dos hinos sagrados, aquece cascas de nozes para aplicá-las, bem quentes, sobre a língua do azarado. Vendo-o, ainda assim, capaz de gritar, as Musas decidem-se por machucá-lo mais. Clio rasga o ventre de Elpenor. Calíope secciona a pele que vai do braço ao ombro, transformando-a numa alça, a qual puxa para cima. Terpsícore abre sua moleira e mostra seu cérebro – assustador a todos, “um cérebro de idiota” (GIRAUDOUX, 1938, p. 176), ao qual faltavam as habilidades da auto-orientação, do ciúme, da associação de ideias. Uma representação evidente das novas formas de violência, a tortura de Elpenor tem a imagem da violência da Grande Guerra.

Ele, cujo cérebro aberto assusta pela cretinice, parece um pouco com o tenente sobre quem conta Giraudoux na Batalha do Marne: com as mãos trêmulas, pôs-se a buscar seu monóculo, alegando miopia, quando o medo o impedia de perceber que a causa de sua cegueira era “seu cérebro aberto” (GIRAUDOUX, 1946, p. 156). Elpenor, como o tenente de 1914, não há dúvida, só pôde ter como destino morrer, mas, antes disso, perdido em meio a tanto sofrimento e, como era o hábito, diminuído das capacidades cognitivas, perde-se também em sua memória, imiscuindo-se na memória de outros, de gigantes, de Prometeu, de Mársias, de feiticeiras, de revolucionários, como se estivesse ele mesmo “no centro do sofrimento humano” (GIRAUDOUX, 1946, p. 146), para retomar a expressão que Giraudoux utiliza para descrever a si próprio depois do primeiro dia da Batalha do Marne:

*A memória de todos aqueles que já estavam mortos, o futuro pensamento de todos aqueles que deviam morrer pela felicidade da humanidade habitaram-no por um momento. Ele foi tomado por um imenso carinho pelos seres humanos, esses seres humanos pelos*

*quais ele havia roubado o fogo, inventado a escrita, a pólvora e a bússola, essas mulheres pelas quais havia roubado de Vênus o espelho e o vermelho, a profecia das vacinas, a roda do carrinho de mão, o vapor, um carinho que o inundava de alegria. Às vezes, ele soltava grandes berros para se encorajar a si mesmo, e Apolo fez entupir de cera suas orelhas, tal qual Odisseu havia feito anteriormente diante das sereias. Sua sereia, pobre Elpenor, era ele mesmo.* (GIRAUDOUX, 1938, p. 177)

### **Elpénor e a história de uma personagem sem história**

É durante ou, no máximo, imediatamente depois da Grande Guerra que Jean Giraudoux faz sua escolha por Elpenor, uma vez que o terceiro conto do conjunto é publicado já em 1919 e o segundo, em sua primeira versão, que não faz menção alguma à personagem, em 1912. É também durante ou logo depois da Grande Guerra que os dois contos publicados antes dela são modificados de modo a hospedar seu novo e nada glorioso habitante. **Elpénor** dialoga, assim, com a transformação que a Grande Guerra faz incidir sobre a forma com que o autor vê a guerra, o combatente e o herói, sendo evidente que a presença de Elpenor importou mais ao autor do que a presença do herói Odisseu para o desenvolvimento de suas quatro histórias.

Não é que Giraudoux se esqueça de que é Odisseu a grande personagem do retorno. Em **Amica America**, livro publicado pela primeira vez em 1918, o autor descreve suas memórias de guerra, quando de sua missão a Havard em 1917 (ele é enviado aos Estados Unidos para instruir militares). Giraudoux, que em 1907-8 já passara uma temporada nos EUA, como leitor de língua francesa, exatamente em Harvard, registra no livro: “Então, vim tranquilizar minhas anfitriãs de dez anos atrás [...]. Eu encontrei, como Odisseu, o cãozinho” (GIRAUDOUX, 1918, p. 40). Em carta de maio de 1917 a Lilita Abreu, portanto antes da publicação das memórias em **Amica America**, Giraudoux testa o tema, experimentando a estratégia das afinidades odisséicas: “Tudo está aqui como era há dez anos, e a velha dama que me hospedou em sua casa tem ainda o mesmo cãozinho e o mesmo vestido” (GIRAUDOUX, 1989, p. 130).

Também não é que em **Elpénor** – essa releitura odisséica de Giraudoux – Odisseu não chegue a Esquéria. Tal como na epopeia homérica, em “Nouvelles Morts d’ Elpénor” o mar deposita o filho de Laerte na costa

feácia. O autor, porém, atrasa sua chegada em duas horas, e esse atraso é tempo suficiente para que Elpenor conte sua desastrosa história aos habitantes da Esquéria, vivendo ainda outra desastrosa história na ilha. A retomada da ordem clássica e a chegada de Odisseu só irão acontecer depois do triste e cômico fim de Elpenor. Dessa ordem clássica, enfim, Giraudoux não se ocupou; interessou-lhe apenas imaginar o quão mediana poderia ser a história que não fosse a de Odisseu.

Giraudoux, definitivamente, escolhe Elpenor. Ele prefere o desastrado, nem bom de guerra, nem bom de inteligência, ao herói do retorno. Giraudoux prefere a figura, nem amável, nem admirável, do “doce medíocre”, como Elpenor é chamado pelo poeta grego George Seféris, pois é na falta de heroísmo de Elpenor que ele parece reconhecer o único combatente real. Com algum exagero, Jacques Body (1983, p. 868) afirma que Giraudoux adiantou-se aos historiadores de seu tempo, fazendo, à sua maneira, a história das mentalidades e dos povos sem história; em outras palavras, fazendo uma nova história. Certo é que **Elpénor**, que reúne quatro textos de suas primeiras experiências literárias, não pode de forma alguma apontar para uma história que não se transforma ou para um presente que se mascara, tal como o teria criticado Jean-Paul Sartre.<sup>8</sup> Giraudoux escolhe um caminho que, aparentemente, indica uma permanência, a **Odisseia**, para expor o que há de novo, por mais torpe que tenha sido a mudança, por mais feio que seja seu presente: “esses que morrem combatentes são como os que morrem escritores, as mãos ensopadas de sangue ou de tinta” (GIRAUDOUX, 1946, p. 149). A matéria de um, o soldado, e de outro, o escritor, nesse sentido, é a mesma: é a guerra, é a morte, é a violência. Um morre ensopado de sangue, ao passo que o outro se ensopa de tinta. Para dar vida a essa matéria, não interessa a Giraudoux contar o retorno de Odisseu, como se poderia esperar. Interessa-lhe contar as canhestras aventuras de uma personagem quase sem história, apesar de medíocre e porque medíocre.

## Documentação escrita

GIRAUDOUX, Jean. **Adorable Clio**. Paris: Émile-Paul Frères Éditeurs, 1920.

\_\_\_\_\_. **Amica America**: Voyage de Jean Giraudoux. Paris: Émile-Paul Frères, 1918.

\_\_\_\_\_. **Cahiers Jean Giraudoux 31**. Jean Giraudoux. Lettres à Suzanne I. 1913-1915. Texte établi et annoté par Brett Dawson. Paris: Éditions Grasset, 2003.

- \_\_\_\_\_. **Elpénor** (21e. éd.). Paris: Emile-Paul frères, 1926.
- \_\_\_\_\_. **Elpénor**. Nouvelle édition. Paris: Bernard Grasset Editeur, 1938.
- \_\_\_\_\_. **Jean Giraudoux**. Œuvres Romanesques complètes. Édition publiée sous la direction de Jacques Body. Paris: Éditions Gallimard, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Jean Giraudoux**: du réel à l' imaginaire: [exposition], Bibliothèque nationale [Paris, 7 décembre 1982-1er mars 1983] / [catalogue par Mauricette Berne, Marthe Besson-Herlin et Marie-Françoise Christout]; [préface de Alain Gourdon] -Paris: Bibliothèque nationale, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Lectures pour une ombre**. Paris: Éditions Grasset e Fasquelle, 1946.
- \_\_\_\_\_. **Les contes d'un matin**. La Bibliothèque électronique du Québec. Collection Classique du 20e siècle. V. 12. Version 1.0. Édition de référence: Paris: Gallimard, 1952.
- \_\_\_\_\_. **Lettres à Lilita** (1910-1928). Édition de Mauricette Berne. Paris: Collection Blanche, Gallimard, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Manuscrit**. Fonds Jean Giraudoux. I-CXI Œuvres. LXXXIV-XCII Écrits de guerre. LXXXIV-XC Lectures pour une ombre. LXXXIX Lectures pour une ombre. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b530690687>>. Acesso em: 29 jul. 2015.
- HOMERUS. **Homerillias**, v. 2–3, Ed. Allen, T.W. Oxford: Clarendon Press, 1931.
- \_\_\_\_\_. **Homeri Odyssea**, Ed. Peter von der Mühl, P. Basel: Helbing & Lichtenhahn, 1962.
- HOMERO. **Ilíada**. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Odisseia**. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2011.

## Referências bibliográficas

- AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane; BECKER, Annette. **14-18, retrouver la Guerre**. Paris: Éditions Gallimard, 2000.
- BARRÈRE, Jean-Bertrand. Variantes du manuscrit de «Nouvelles morts d'Elpénor». **Bulletin de l'Association Guillaume Budé**, n. 3, p. 287-303, oct. 1978.
- BÉRARD, Victor. (Éd.). **L'Odysée**: “poésie homérique”. (1864-1931). Paris: Les Belles Lettres, 1924. 3 v.

BODY, Jacques. Giraudoux et les rendez-vous de l'histoire. **Revue d'Histoire littéraire de la France**, Paris, v. 83, n. 5/6, p. 866-78, sep.-dec. 1983.

DUROISIN, Pierre. Les petites Odyssées de Jean Giraudoux: Elpénor, et de Jean Giono: Naissance de l'Odyssée. **Bulletin de l'Association Guillaume Budé**, Paris, n. 1, p. 172-210, 2005.

TADIÉ, Jean-Yves. Notice. In: GIRAUDOUX, Jean. **Jean Giraudoux**. Œuvres Romanesques complètes. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Éditions Gallimard, 1990. T. 1.

PERADOTTO, John. Prophecy and persons: reading character in the Odyssey. **Arethusa**, Baltimore, v. 35, n. 1, p. 3-15, winter/2002.

ROMILLY, Jacqueline. L'amitié de Giraudoux avec l'hellénisme: Elpénor. **Bulletin de l'Association Guillaume Budé**, Paris, v. 2, p. 191-7, 1983.

SAÏD, Suzanne. Ulysse en France au début du XXe siècle: de Giraudoux à Giono. **Ulisse nel tempo. La metafora infinita. Atti del Convegno internazionale Odisseo 2000**, Venezia, p. 379-403, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. A propos de Choix des Élues. M. Giraudoux et la philosophie d'Aristote. **Nouvelle Revue Française**, Paris, p. 339-54, mar. 1940.

## Notas

<sup>1</sup> O presente artigo trata de uma das quatro fontes francesas analisadas em minha tese de Doutorado, cujo objetivo é observar a permanência repetitiva, plástica, deformadora, falsificadora das aventuras de Odisseu, para propor um modo sobre o funcionamento da repetição e do esquecimento enquanto mecanismos da história. Analiso, na tese, além de **Elpénor** (1926), de Jean Giraudoux; **Naissance de l'Odyssée** (1930), de Jean Giono; **Les Aventures de Télémaque** (1922), de Louis Aragon; e **Le Retour d'Ulysse** (1921), de Valmy-Baysse.

<sup>2</sup> Tradução de Victor Bérard ("*le moins brave au combat, le moins sage au conseil*") para o epíteto que o poeta dá a Elpénor: οὔτε τι λίην ἄλκιμος ἐν πολέμῳ οὔτε φρεσὶν ἦσιν ἀρηρώς (**Odisseia X**, vv. 551-2).

<sup>3</sup> Todas as traduções cujo tradutor não for nomeado são de minha autoria e responsabilidade.

<sup>4</sup> O jornal de guerra de Giraudoux de 1914, *Lectures pour une ombre*, é também uma homenagem a um de seus companheiros de guerra, conforme a dedicatória: À André du FRESNOIS – DISPARU (GIRAUDOUX, 1946, p. 11).

<sup>5</sup> Poucos livros de Giraudoux levarão tanto tempo, 18 anos, para chegar à sua forma final. Em 1935, também a Grasset publicará o conjunto.

<sup>6</sup> A passagem continua sendo motivo de discussão entre os homeristas, mas, a despeito disso, quando Victor Bérard publica sua edição da **Odisseia**, em 1924, identificando de maneira inédita como interpolações as três passagens em que Elpenor aparece, nos cantos X, XI e XII, Giraudoux, há cinco anos, já se apropriara da personagem, recriando-a; quer dizer, recriando uma personagem que seria, então, desde sua primeira aparição, uma espécie de impostor (DUROISIN, 2005, p. 176).

<sup>7</sup> A imprensa britânica, por exemplo, sobretudo o *Times*, publicava em suas páginas as longas listas de mortos após as batalhas.

<sup>8</sup> Jean Giraudoux foi criticado por Jean-Paul Sartre por negar a mudança e mascarar o presente. É bem verdade que a acusação dirige-se, sobretudo, ao romance de 1939, **Choix des Élus** [Escolha dos Eleitos], mas, curiosamente, o que o projeto literário de Giraudoux parece buscar desde o princípio é o contrário do teor da acusação.